



**Ana Gabrielle Carvalho da Costa**

**Negacionismo no Poder:**

**Uma análise de ações e impactos do Governo Bolsonaro no  
enfrentamento da pandemia da Covid-19**

**Dissertação de Mestrado Profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Análise Política Internacional da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Paulo Esteves

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Carolina Salgado

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2023



**Ana Gabrielle Carvalho da Costa**

**Negacionismo no Poder:**

**Uma análise de ações e impactos do Governo Bolsonaro no  
enfrentamento da pandemia da Covid-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
graduação em Análise Política Internacional da PUC-Rio.  
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada

**Prof. Paulo Esteves**

Orientador

Departamento de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Paula Sandrin**

Departamento de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Claudia Galhardi**

Pesquisadora da FIOCRUZ

Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Ana Gabrielle Carvalho da Costa**

Graduou-se em Relações Internacionais na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2019. Atua na área administrativa desde sua graduação na empresa de navegação Fednav Brasil.

#### Ficha Catalográfica

Costa, Ana Gabrielle Carvalho

Negacionismo no Poder: Uma análise de ações e impactos do Governo Bolsonaro no enfrentamento da pandemia da Covid-19 / Ana Gabrielle Carvalho da Costa; orientador: Paulo Esteves. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Relações Internacionais, 2023.

44 f.: 30 cm

1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Relações Internacionais.

Inclui referências bibliográficas.

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Negacionismo. 3. Bolsonaro. 4. Covid-19. 5. Coronavírus. 6. Cloroquina. 7. Vacina. 8. Pandemia. 9. Fakenews. I. Esteves, Paulo. (Paulo Esteves). II Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Relações Internacionais. III. Título.

Para todas as vítimas da Covid-19  
e seus familiares

## **Agradecimentos**

Um agradecimento especial a todos que estiveram e não estão mais comigo durante esses anos de estudo, principalmente a minha família e amigos.

E um obrigada aos meus orientadores Paulo Esteves e Carolina Salgado pela paciência e orientação durante todo esse tempo.

## Resumo

Costa, Ana Gabrielle Carvalho da; Esteves, Paulo. **Negacionismo no Poder: Uma análise de ações e impactos do Governo Bolsonaro no enfrentamento da pandemia da Covid-19**. Rio de Janeiro, 2023. páginas. Dissertação de Mestrado - Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Frente aos acontecimentos advindos do enfrentamento da pandemia de Covid-19 no Brasil, o presente trabalho se propõe a uma análise das práticas e discursos do governo no combate ao vírus através da identificação de estratégias negacionistas por ele utilizadas. Assim, com o objetivo de entender como este movimento influenciou as ações do governo durante o período, principalmente na escolha pelo uso da cloroquina como foco do combate, e seus impactos tanto na política e opinião pública como nas instituições estatais. O trabalho analisa os discursos e as práticas do governo Bolsonaro para entender como o negacionismo foi articulado para o fim de promover o uso de um medicamento comprovadamente ineficaz, impactando assim na efetividade das medidas sanitárias e não sanitárias de combate à pandemia.

## Palavras- Chave

Negacionismo; Bolsonaro; Covid-19; coronavírus; cloroquina; vacina; pandemia; fakenews.

## Abstract

Costa, Ana Gabrielle Carvalho da; Esteves, Paulo (Advisor). **Denialism in Power: An analyses of actions and impacts of Bolsonaro Government in facing the Covid-19 pandemic.** Rio de Janeiro, 2023. páginas. Dissertação de Mestrado - Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Faced with the events arising from the actions against the Covid-19 pandemic in Brazil, this present work proposes an analysis of the practices and speeches of the government regarding the confrontation of the virus through the identification of denialist strategies used by it. Thus, with the objective of understanding how this movement influenced government actions during this period, principally in the choice of using chloroquine as the main course of action, and its impacts both on public politics and opinion as on the state institutions. The work analyses the speeches and practices of Bolsonaro and his government to understand how denialism was articulated in order to promote the use of a medicine prove ineffective, with that, impacting the effectiveness of sanitary and non-sanitary measures to combat the pandemic.

## Keywords

Denialism; Bolsonaro; Covid-19; coronavírus; chloroquine; vaccine; pandemic; fakenews



## **Sumário**

1. Introdução	11
1.1 Metodologia	
2. Negacionismo e suas estratégias	13
3. Articulação das Estratégias Negacionistas pelo Governo Bolsonaro	19
4. Implicações práticas do Negacionismo do Governo Bolsonaro	27
4.1. A instrumentalização das redes sociais e do espaço digital	27
4.2. Ministério da Saúde	30
5. Conclusão	39
6. Referências Bibliográficas	40

## **Lista de Figuras**

Figura 1 – Mapa dos Votos a Bolsonaro nas eleições de 2018	30
Figura 2 – Bolsonaro faz propaganda de cloroquina nas redes	34
Figura 3 – Bolsonaro mostra a caixa da cloroquina em live	34
Figura 4 – Eduardo Bolsonaro compartilha notícia da RedeTV no Twitter	35

## Introdução

Em 2018, uma pesquisa feita pela Wellcome Global Monitor com 144 países, apontou que o Brasil ocupa apenas a 111<sup>a</sup> posição no ranking dos que mais confiam na ciência - para 35% dos brasileiros, a ciência não merece confiança (VARELLA, 2021). Dentre as diversas explicações, a dificuldade de comunicação da ciência com a população, a ausência do acesso à educação para boa parte dos brasileiros e a influência da política e religião impactam diretamente nesse número (VARELLA, 2021). Já com este cenário prévio, a pandemia da Covid-19 acabou por realçar esta descrença.

A Covid-19 gerou grande incerteza, tanto entre a comunidade científica quanto autoridades estatais. Com uma rápida progressão de eventos e número de mortes, a necessidade de se combater o vírus virou tarefa número um para ambos os lados. Contudo, o que se viu no Brasil foi uma grande curva para longe das providências tomadas pela maioria dos países sob as diretrizes do consenso científico.

O Governo Bolsonaro não seguiu com uma política nacional de prevenção, controle e segurança, agindo contra o isolamento social e tentando flexibilizar a economia, reabrindo lojas e restaurantes com a argumentação de que o Brasil não poderia parar (RIMONATTO, 2021). Não obstante, Bolsonaro propagou discursos negacionistas sobre o vírus, medicamentos e a vacina, impactando diretamente nas políticas públicas e na opinião pública.

Dessa forma, o presente artigo pretende analisar este processo a partir das estratégias argumentativas do negacionismo: a identificação de conspirações, falsos especialistas, seletividade, expectativas impossíveis e falácias lógicas. O trabalho encontra-se organizado em três seções. Na primeira seção, será analisado, então, como o negacionismo funciona; como se dá o desenvolvimento de estratégias utilizadas para garantir legitimidade sobre a ciência e como conseguir adesão da população. Na segunda seção será apontado como o Governo Bolsonaro exemplifica todo este movimento dentro da pandemia, mais especificamente através da insistência por um medicamento cuja ineficácia é comprovada e no desincentivo à imunização. Por fim, na última seção, entenderemos como todo este

negacionismo possuiu e ainda possui impactos diretos, principalmente sobre a política e o gasto público e, principalmente, sobre a opinião e ações da população. Assim, o presente trabalho busca entender alguns dos impactos do negacionismo do Governo Bolsonaro sobre a condução da pandemia.

## **1.1 Metodologia**

Para isso, o trabalho segue a metodologia de um estudo qualitativo de documentos afim de analisar os impactos do negacionismo do Governo Bolsonaro no combate a pandemia de Covid-19, principalmente no que tange a escolha do uso da cloroquina em contraponto a vacina. Para análise então, o trabalho se baseia, principalmente, no apontamento de 5 estratégias negacionistas discutidas no trabalho de Diethelm e Mckee (2008) e conceitos e ideias de outros autores semelhantes para analisar falas, políticas e práticas do governo durante a pandemia sobre a vacina e, principalmente, a cloroquina, para a partir desse levantamento e comparação, entender os seus efeitos práticos. Utilizando-se como fonte artigos científicos e, principalmente, matérias de jornais, além das próprias falas do presidente em pronunciamentos e postagens na internet durante o período pandêmico iniciado em 2020 para uma análise qualitativa destes a luz dos 5 argumentos e com isso entender os fatos relevantes para a discussão.

Se tratando de um acontecimento recente e levando em consideração que o presente trabalho se iniciou em 2021, apesar de trazer o debate da vacina principalmente na seção 3, o trabalho foca no debate acerca da cloroquina uma vez que a vacinação ainda estava em seu início e não possibilitava uma análise mais profunda. E não obstante, o trabalho se limita a análise dos 5 argumentos e seus efeitos, não almejando entrar em debates mais aprofundados sobre negacionismo e ciência, além de outros acontecimentos da pandemia.

## 2

### **Negacionismo e suas estratégias**

Esta seção se situa no vasto e complexo debate acerca das relações entre conhecimento e política. A busca por compreender os eventos que nos circundam, para orientar nossa ação no mundo, é certamente uma constante na história humana. As fontes para a construção desse conhecimento encontram-se radicadas em diferentes disciplinas – teologia, filosofia, história, psicologia, entre outras – e sustentam interpretações de eventos passados ou presentes. Esse conhecimento, segundo Thomas Kuhn, é validado por métodos e procedimentos reconhecidos e aceitos pela comunidade científica na forma de paradigmas, sendo princípios fundantes de uma ciência (CABRAL, 2022). A seção, então, discute a produção de interpretações que se dá à margem dos paradigmas científicos estabelecidos em quaisquer das disciplinas instituídas na comunidade científica. Tais interpretações podem ser identificadas, de forma geral, como Negação, Revisionismos – Historiográfico e Ideológico – e o Negacionismo em si.

O revisionismo, como o próprio nome sugere, apresenta uma tentativa nova de interpretação (POGGI, 2020). De certa forma, não há, necessariamente, uma conotação negativa para a revisão da história – com o aprimoramento dos instrumentos, o encontro de novas evidências e documentos, além de novas técnicas de análise, novas variantes impactam nas teses já estabelecidas e, assim, há uma certa concordância de que o conhecimento é mutável em todas as áreas (MANDELLI, 2020). Assim, este revisionismo está ligado a tentativas de trazer novas interpretações a fatos históricos que são consensos no meio acadêmico (TRAVERSO, 2005). A revisão historiográfica atenta-se as evidências e métodos científicos, não apenas interpretações, mas calcados “sobre um certo corpo de evidências irrefutáveis: a escravidão aconteceu; o mesmo vale para a Peste Negra e o Holocausto” (LIPSTADT, 1994, p. 25 apud ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021).

Porém, Pierre Vidal Naquet atenta para o fato de que o revisionismo também possui uma vertente problemática, podendo fazer parte de uma meia verdade e de uma meia mentira (1988 apud SANTOS, 2021). Esse tipo de revisionismo é

chamado de ideológico. Ele contamina a linguagem e narrativa histórica sendo utilizado para alcançar um certo objetivo, ou seja, para quem o utiliza, já se possui uma resposta, cabe apenas procurar justificativas, pois “é justamente aquele que não se utiliza dos procedimentos metodológicos do campo historiográfico, cujas reflexões, perguntas, dúvidas visam alcançar um objetivo já posto desde o início” (SANTOS, p. 4). Assim, diferentemente de se ter uma revisão devido a descoberta de novos estudos e métodos, este revisionismo é usado como uma ferramenta explicativa, ou seja, já se possui um objetivo – um fim a qual se quer explicar – e este revisionismo é usado para argumentar e embasar o pensamento.

Essa matriz do revisionismo parte, então, de demandas unicamente ideológicas e junta-se com fontes e autores para confirmar sua visão alinhado a uma falta de método e de ética da pesquisa científica (PINSKY, 2021).

Trata-se daquele revisionismo calcado na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos, sempre com o intuito de defender uma tese dada a priori sobre o passado incômodo e sensível. (PINSKY, 2021, p. 100).

Embora se confunda com essa matriz ideológica do revisionismo, o negacionismo não busca explicações ou interpretações diversas daquelas já estabelecidas acerca de um fato, senão a obliteração do próprio fato. Como percebeu o professor de História da USP, Marcos Napolitano, se é possível tratar o revisionismo como sua antessala, o negacionismo “significa a negação total de um objeto metodologicamente comprovado em prol da salvaguarda de interesses econômicos e ideológicos” (NAPOLITANO, 2021, n.p.)

Contudo, o negacionismo não apenas nega o fato de forma incalculada, como também, se utiliza de estratégias retóricas de modo a formar uma argumentação que aparenta ser legítima para divergir em torno de um certo tema que tenha consenso na comunidade científica. Analiticamente, é possível identificar cinco estratégias que sustentam os argumentos negacionistas: a identificação de conspirações, falsos especialistas, seletividade, expectativas impossíveis e falácias lógicas.

A primeira estratégia é a identificação de conspirações. Diante de um enunciado considerado verdadeiro pela comunidade científica, o movimento negacionista afirma que esse enunciado não é produto de pesquisa científica. Ao

contrário, se trataria de um produto de um conluio espúrio daqueles que reivindicam o status científico para tal enunciado. Nas palavras de Diethelm e Mckee “it is argued that this is not because those scientists have independently studied the evidence and reached the same conclusion. It is because they have engaged in a complex and secretive conspiracy” (2008, p. 2). O negacionismo pode explorar preocupações reais e usá-las para disseminar a ideia de conspiração, como por exemplo a de que a Covid-19 seria uma arma artificialmente criada contra a economia do Ocidente (KALIL et al, 2021). O filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, chegou a argumentar que a pandemia seria um embate entre a ditadura comunista contra o capitalismo e liberdade, mobilizando uma ideia de um antagonista prévio, não apenas o vírus em si, mas de uma ameaça já mobilizada anteriormente que havia ganhado apelo da população, por exemplo, nas eleições de 2018 (KALIL et al, 2021).

A segunda estratégia é o uso de falsos especialistas, que se apresentam como *experts* e fonte de informações críveis, porém, não possuem experiência na área em que debatem. A estratégia se utiliza de estudos e argumentos destes indivíduos que se autodenominam *experts*, porém portadores de visões inconsistentes em relação ao conhecimento estabelecido (DIETHELM; MCKEE, 2008). Essa estratégia é comumente complementada pela difamação dos reais especialistas e pesquisadores, com acusações e insinuações que buscam desacreditar seu trabalho e lançar dúvidas sobre suas motivações (DIETHELM; MCKEE, 2008).

O terceiro método utilizado pelo negacionismo é a seletividade. Trata-se do recurso a estudos pseudocientíficos que desafiam o consenso dominante ou que pretensamente apontam os limites de um determinado campo ou pesquisa. Este método revela um movimento audacioso contra o consenso científico, assim, “o negacionistas não são deterred by the extreme isolation of their theories, but rather see it as the indication of their intellectual courage against the dominant orthodoxy and the accompanying political correctness, often comparing themselves to Galileo” (DIETHELM; MCKEE, 2008, p. 3).

A quarta estratégia é a criação de expectativas impossíveis sobre o que uma pesquisa pode entregar, como por exemplo, se a dúvida gerada pela incerteza de modelos matemáticos incapacitaria todo um modelo e seu entendimento sobre um

fenômeno ( DIETHELM; MCKEE, 2008). Este artifício retórico utiliza a falta da “certeza absoluta” dos métodos científicos para inviabilizar toda a pesquisa e seus resultados. Como outro exemplo, temos o argumento de que se pessoas vacinadas podem contrair Covid-19, não há por que se vacinar mesmo que estudos mostrem que a proteção vacinal pode diminuir consideravelmente as chances de contrair a doença (BBC NEWS, 2022).

Finalmente, o quinto método trazido por Diethelm e Mckee é o uso de falácias lógicas e deturpações. Falácias lógicas são erros lógicos usados para simular uma evidência. Esse recurso é chamado também de correlação coincidente (GRAGNANI, 2022). Trata-se de uma relação de causalidade espúria que relaciona dois eventos que aconteceram em sequência cronológica e se encontram vinculados pela correlação coincidente que os apresenta como uma relação de causa e efeito (GRAGNANI, 2022). A estratégia se beneficia da associação entre sucessão temporal (se A aconteceu depois de B, então B causou A) e do chamado viés de confirmação. Esse viés permite que a coincidência entre eventos isolados, e muitas vezes coincidentes, sejam tomados como evidência da relação de causalidade. Contudo, a coincidência de eventos não é suficiente para, cientificamente, corroborar uma hipótese (GRAGNANI, 2022, n.p.)

Dessa forma, a estrutura do argumento negacionista o torna atraente, apesar do fraco embasamento, e frutifica, principalmente, em um tecido social desgastado pela descrença nas instituições (ROQUE, 2021). A desconfiança de longo prazo nas instituições legitima posições anticientíficas, pode legitimar certos governantes a sustentar escolhas políticas com argumentos negacionistas e a erodir as relações entre ciência e política pública (ROQUE, 2021).

Assim, o negacionismo se torna um fenômeno social e político. Social porque ele implica na produção e difusão em massa de teses controversas e provoca impacto direto no comportamento de milhões de pessoas (DUARTE; CÉSAR, 2020). E político pois muitas vezes está associado a extração de vantagem por parte de um grupo interessado em questionar teses e conhecimentos científicos (Ibid). Isso ocorre muitas vezes porque o conhecimento científico pode sustentar políticas públicas que afetam os interesses econômicos de certo grupo (Ibid.). E assim, há partes interessadas em espalhar deliberadamente a desinformação com interesses



investidos e com isso “deliberately distorted public debate, running effective campaigns to mislead the public and deny well-established scientific knowledge” (ORESQUES, CONWAY, 2010, n.p.). Como será visto adiante, por exemplo, na compra de cloroquina pelo governo baseada nos argumentos negacionistas uma vez que o remédio não possuía comprovação.

Vemos então que o negacionismo põe em xeque a autoridade dos cientistas e seus métodos, disseminando comportamentos desconfiados ou indiferentes quanto ao valor da ciência no comportamento de milhões de pessoas, que passam a tomar decisões baseadas nessa desconfiança, amparando-se naquilo que mais lhe convém em determinada circunstância (DUARTE; CÉSAR, 2020). Pois há, em um caráter subjetivo, a aceitação de explicações mais confortáveis, uma vez que:

[f]aced with challenging situations, we welcome reassurance that everything is going to be all right. We may even prefer comforting lies to sobering facts. And the facts denied by our protagonists were more than sobering (ORESQUES, CONWAY, 2010, n.p.).

O negacionismo tende a frutificar então neste ambiente no qual os fatos objetivos possuem o mesmo peso do que apelos emocionais ou crenças pessoais, que passam a regular um regime antes baseado na confiança das instituições, dando voz a movimentos conspiratórios no qual a informação é um campo de disputa sobre quem gera a narrativa (DUARTE; CÉSAR, 2020). Essa falsa equivalência entre crenças pessoais e o conhecimento científico concorrem entre si e disputam o espaço social, determinando destinos de países, estados, cidades e comunidades (SILVA, 2021).

Aqui, cabe, novamente, trazer, segundo Kuhn, que a ciência consiste em resolver problemas através de uma metodologia, que ele chama de paradigmas, estabelecendo um padrão de racionalidade e cria os princípios fundantes para a comunidade científica (CABRAL, 2022). E, quando este se torna o insuficiente há a necessidade de um novo paradigma com a mesma rigorosidade metodológica. Não é o que acontece no caso do negacionismo, que não segue este rigor metodológico para ir contra ao consenso científico.

Dentro do movimento então, o negacionismo depende dessa difusão em massa e da reprodução social de suas teses, que são rapidamente transformadas em opiniões de caráter imediatamente acessível e de forte apelo emocional (DUARTE;

CÉSAR, 2020). Pois o debate, em um primeiro momento, nasce dentro do campo científico, mas o negacionismo o manipula e distorce, e, ao se difundir, se aproveita do fato de que as referências científicas não são de fácil entendimento, para torná-las grosseiramente enviesadas e politizadas (DUARTE; CÉSAR, 2020.) Assim:

O negacionista “profissional” busca dar visibilidade e propagar as suas ideias sem sustentação científica para conquistar um público leitor/consumidor não especializado. O negacionista inocente torna-se esse público alvo a ser alcançado pelas “teses” negacionistas” (SANTOS, 2021).

Em sumo, podemos entender o negacionismo como movimento que cresce em um ambiente no qual há um certo descrédito nas instituições tradicionais como fonte de informação e dentro da realidade no qual a crença pessoal ganha grau de importância equivalente a opinião científica, e assim, é um movimento que articula este contexto com uma linguagem fácil e apelativa para ganhar adesão, principalmente dentro das cinco estratégias apresentadas.

Diante deste cenário, iremos pensar como Bolsonaro articulou o negacionismo durante a pandemia no Brasil na próxima seção, explicitando suas retóricas, principalmente, dentro das cinco estratégias trabalhadas e como este tipo de argumentação foi aceito pela população para exemplificar todo o debate.

### 3

## **Articulação das Estratégias Negacionistas pelo Governo Bolsonaro**

Como tratado na seção anterior, nos últimos tempos houve uma mudança significativa na percepção de determinados grupos sociais acerca da validade do conhecimento científico, criando condições para que opinião e crenças pessoais se tornem equivalentes e entre em conflito com paradigmas científicos vigentes. A retórica negacionista se utiliza bastante desse movimento para alcançar o público, porém torna-se problemática quando passa alcançar partes consideráveis da população. Dentro desse cenário, é notável perceber o impacto de tal retórica quando quem a dissemina é a própria figura de poder, como aconteceu no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro.

Em 2020, com o agravamento da pandemia de coronavírus que se espalhou pelo mundo com grande rapidez, as estratégias discursivas do presidente variaram, mas seu posicionamento sobre o vírus impactou diretamente a profilaxia e combate desse, influenciando, também, políticas públicas para tal, como será trabalhado mais profundamente na próxima seção.

Em um primeiro momento, a estratégia populista de pregação de uma união do povo brasileiro, afirmando que “nenhum vírus é mais forte que o nosso povo”, não teve muita eficácia. Logo depois, o presidente passou a negar os efeitos da doença (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020). Bolsonaro qualificou como “fantasia” a crise que viria, que a situação seria apenas uma “histeria” e que o país logo voltaria ao “normal” (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020). A diminuição do impacto do vírus levou o presidente a chamá-lo de “gripezinha” e “resfriadinho”, afirmando que a economia tinha que continuar na normalidade, pois os empregos deveriam ser mantidos e não era necessário interromper as atividades cotidianas (Ibid).

Essa diminuição fez com que as medidas contra a pandemia seguissem um planejamento em negação a seriedade e as recomendações científicas. Em nome de manter a normalidade, Bolsonaro defendeu o que chamou de isolamento vertical,

por mais que estudos mostrassem sua ineficácia, participou de manifestações e eventos com aglomerações sem o uso de máscara e incitou atos contra o isolamento social (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020). Não obstante:

Proferiu uma série de falas que se provaram equivocadas, como: o contágio seria menor no Brasil, por ser um país tropical, que atingiria mais a população idosa, que não havia riscos de complicações a pessoas com histórico de atletas, que haveria menos mortes de Covid-19 do que de H1N118, que parecia que o coronavírus já está indo embora, etc. (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020, p. 555)

Assumindo essa postura negacionista frente à seriedade e ao combate do vírus, em contraponto ao discurso científico, criou uma nova versão que acabou por configurar um conflito com o discurso científico. Aqui se exemplifica o embate entre os poderes, o Estado versus a Ciência (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020). Cria-se então duas imagens conflitantes sobre a Covid-19, uma de uma doença altamente contagiosa e perigosa, e uma de um vírus que não oferece riscos (Ibid). Assim, parcela significativa da população adotou sua versão, passando a ignorar e minimizar as medidas de prevenção cientificamente testadas (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020).

Pode-se então pensar que Bolsonaro impacta no pensamento comum e assim interfere no comportamento da população. Cabe então analisar, a partir das cinco estratégias apresentadas acima, como esse argumento do governo colide com o consenso científico durante a pandemia e o impacto prático que essa retórica gera, intencionalmente, na população e na formulação e implementação de políticas públicas.

Na primeira estratégia discutida na seção anterior temos a identificação de conspirações e, dentro do cenário brasileiro, podemos pensar sobre a repercussão negativa da vacina. Aqui cabe uma ressaltar uma certa diferenciação do movimento antivacinal brasileiro, mesmo que seja evidente uma certa relação com os discursos antivacina no resto do mundo, deve-se levar em conta o ambiente de disputas políticas e a geopolítica do desenvolvimento da vacina (KALIL et al, 2021).). Dessa forma, o debate sobre a vacina se estabeleceu dentro de um embate político que já se estabelecia entre Bolsonaro e Governador de São Paulo, João Dória, no qual gerou afirmações de Bolsonaro como “[o Dória] quer vacinar o pessoal na marra rapidinho porque vai acabar [a pandemia] e daí ele fala: 'acabou por causa da minha

vacina'. Quem está acabando é o governo dele, com toda certeza" (ASANO *et al.*, 2021, p. 14) e "Tem um governador lá [em São Paulo] um tanto quanto autoritário, que até [quer] dar vacina na marra na galera" (ASANO *et al.*, 2021, p. 14). Este ambiente político aliado ao local de produção da Coronavac - imunizante discutido neste primeiro momento - levou o governo Bolsonaro a espalhar informações falsas sobre a vacina Sinovac/Coronavac, referindo-a como 'vachina' ou 'vacina do Dória' (KALIL *et al.*, 2021).), uma vez que já se possuía, também, um estranhamento do governo Bolsonaro com a China no aspecto político e econômico.

Dentre as informações falsas mais difundidas, temos a de que a vacina seria uma forma de inserir um microchip subcutâneo, e suas variações incluíram a especulação de que o chip seria controlado por antenas chinesas ou para rastrear a população (KALIL *et al.*, 2021).). Aqui, a conspiração se baseia em dois inimigos, seja o Governador em parceria com a China em uma ameaça comunista global, seja como a tecnologia pode ser usada para o controle de corpos por governos tirânicos (*ibid.*). Não obstante, a vacina também foi acusada de ser capaz de alterar o DNA humano, podendo transformar em animal ou híbrido - o próprio presidente "alertou" para o risco dessa alteração causado pela vacina da Pfizer, na crença de que essa mutação genética poderia vir a transformar "“non-gay people into ‘gays’. (...) It is important to note that homosexuality is seen as a form of ‘unnatural’ ‘deviant behaviour’ being equated with genetic mutation and hybridism between humans and animals” (KALIL *et al.*, 2021, p. 11-12).

Ainda, outras fontes de desinformação argumentam que a vacina poderia causar doenças como HIV, câncer, autismo, e também como as vacinas seriam uma forma de esterilização forçada ou para produzir o genocídio de certa população (KALIL *et al.*, 2021). Assim, pode-se notar que grande parte das teorias conspiratórias se embasam em um certo "pânico moral", no qual um evento ou situação, no caso a vacina, é uma ameaça aos valores morais da sociedade, e não somente uma recusa irracional à ciência (KALIL *et al.*, 2021).

Podemos pensar, também, na crítica a vacina embasada nas expectativas impossíveis, no questionamento dessa falta de "certeza absoluta" e assim inviabilizar a vacinação como método imunizador eficaz. O presidente fez este movimento quando afirmou que "no meio dessa bula está escrito que a empresa não

se responsabiliza por qualquer efeito colateral. Isso acende uma luz amarela. A gente começa a perguntar para o povo: você vai tomar essa vacina?” (ASANO *et al.*, 2021, p. 16). Marcelo Queiroga, o quarto Ministro da Saúde indicado por Bolsonaro, argumentou que essas “vacinas de vírus inativado têm efetividade menor. (...) A vacina seguramente é eficaz e protege, pois os dados mostram de maneira clara uma redução de casos e de óbitos. Agora, a vacina não é 100% eficaz” (FERNANDES, 2020).

Apesar de sabido que nenhuma vacina ou remédio é 100% eficaz contra nenhuma doença, mas sim garante maior imunidade e maiores chances de que a pessoa não venha se contaminar (NEIVA, 2021), mesmo assim Bolsonaro dissemina esta argumentação de um resultado impossível, usando casos como o de Queiroga, sua esposa e filho, que mesmo vacinados contraíram a doença, e da morte do ex-secretário de Estado norte-americano Collin Powell, para defender que contrair a doença é um método mais eficaz (SOARES, 2021).

Aqui podemos demonstrar uma clara contradição: ao mesmo tempo em que para a vacina era necessário 100% de eficácia, para a hidroxicloroquina não era necessária toda a certeza médica e de estudos comprobatórios para que fosse usada com insistência pelo governo como método de tratamento precoce para o coronavírus. Pois, apesar de se mostrar promissor nos primeiros testes, o uso deste medicamento foi rapidamente desclassificado pela esmagadora maioria da comunidade científica (GONÇALVES, 2021). Mesmo diante de tais evidências, a postura do presidente não se modificou, e transformou o medicamento em uma das principais estratégias para o enfrentamento da doença (*ibid*).

Durante a CPI da COVID-19<sup>1</sup> foi apontado o chamado “gabinete paralelo”, que consistia em empresários e médicos, pertencentes à base ideológica do governo, que atestavam pela escolha da cloroquina, incentivando a compra de estoques e disseminando propagandas da dita “solução” (GONÇALVES, 2021). Dentre os participantes, destaca-se a pediatra Mayra Pinheiro, também conhecida como “Capitã Cloroquina”, secretária dentro do Ministério da Saúde, que foi acusada de

---

<sup>1</sup> Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19 que apurou as ações tomadas pelo Governo e outros durante a pandemia, para mais informações  
<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>

“desviar-se da necessária atenção de leitos e insumos comprovadamente necessários’ para ‘promover’ visitas a hospitais com o intuito de ‘convencer profissionais da saúde a ministrar medicamentos com eficácia questionada’” e, com isso, “agir em descompasso com a tecnicidade” do seu cargo (GONÇALVES, 2021, n.p.). Ou seja, aqui, temos o uso de falsos especialistas para tentar embasar a escolha do governo em um remédio que tinha reprovação de grande parte do consenso científico, encaixando-se na segunda estratégia.

Não obstante, Bolsonaro se apresentou como precursor do movimento audacioso da escolha do tratamento precoce contra o resto do mundo. O presidente argumentou que os contrários à estratégia não sugeriam outra abordagem e médicos apoiadores afirmaram em um congresso que representavam “os médicos que optaram pela ousadia. Nós representamos os médicos que, independentemente das evidências lá de abril, ousaram ter lucidez. (...). E nós fomos açotados, ridicularizados, nós fomos humilhados” (ALVIM, 2020, n.p.). Além disso, o presidente usou o twitter para compartilhar um vídeo no qual o jornalista Alexandre Garcia, apoiador do seu governo, afirma, sem apresentar provas, que o tratamento precoce “é o que mais está salvando vidas” (FERNANDES, 2020, n.p.). Para amparar a alegação, ele apresenta um link para um artigo da revista “The American Journal of Medicine”, de pouca relevância internacional, publicado em agosto de 2020, ainda que diversos outros estudos já tenham apontado a ineficácia do uso (FERNANDES, 2020, n.p.). O artigo:

não é um estudo clínico randomizado de duplo-cego no qual se analisa a eficácia de um tratamento em comparação com um grupo controle. Por isso, não comprova nada, apenas apresenta argumentos com base em experiências ambulatoriais que justificariam o uso de determinados medicamentos (FERNANDES, 2020, n.p., n.p.)

Como embasamento a toda essa retórica, o presidente utilizava do argumento de que ele havia se curado da doença devido a ingestão de hidroxicloroquina. Essa argumentação é perigosa e não possui nenhum embasamento científico, ele mesmo afirmou “Não tem comprovação científica, mas salvaram muitas vidas” (GRAGNANI, 2020, n.p.) e ainda complementou que havia observado que pessoas que tomavam o medicamento desde o início tinham mais chance de sobreviver:

A cura aí... Eu, por exemplo, sou um testemunho. Eu tomei a hidroxicloroquina, outros tomaram a ivermectina, outros tomaram Annita... E deu certo. E, pelo que tudo indica, todo

mundo que tratou precocemente com uma dessas três alternativas aí foi curado (ASANO, 2021, n.p.)

Citou, ainda, o exemplo de mais 10 ministros afirmando que se “nenhum foi hospitalizado, então está dando certo” (GRAGNANI, 2020, n.p.). Trata-se de uma falácia - uma vez que a grande maioria das pessoas que contraem a doença sobrevivem, não há evidência para que tal dedução seja feita. Mesmo assim, Bolsonaro usou de seu exemplo e de próximos para embasar tal argumentação e incentivar esta falsa profilaxia (ibid). Aqui, pode-se perceber o uso das falácias lógicas como estratégia para defender o uso do medicamento, apesar de serem deduções errôneas e precipitadas.

É válido tentar entender como estes argumentos ganham adesão dentro da sociedade. Apesar de serem considerados absurdos para uma parcela da população, o discurso sobre o tratamento precoce e sobre a vacina teve adeptos de parte significativa da mesma. Cabe elucidar o papel do discurso trazido por Foucault, para entender a importância dele na sociedade. Pois o discurso não é apenas um intermediário para se acessar atores sociais, não é apenas uma representação da realidade, ou seja, não tem apenas uma função semântica de traduzir a realidade (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020). Mesmo formado por símbolos, sua prática cria, produz e legitima objetos sociais, lugares, subjetividades e realidades. Assim, “as práticas discursivas agenciam processos e relações de saber, poder e posições sociais e de enunciação, nas quais se produzem regimes de conhecimentos, verdades e modos de subjetivação” (ibid). Ou seja, o discurso não meramente traduz uma realidade, mas age também em um papel ativo na produção de regimes de conhecimento e de verdades. As narrativas têm efeitos práticos, coordenam ações e contextos sociais da geração de poder e controle (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2020).

E o poder se encontra na base da influência, ou seja, aqueles que são dependentes se conformam com aqueles que possuem o poder, e dentro dos diferentes tipos de exercer esse poder, encontra-se o poder legítimo e o poder de referência (SILVA, 2022). No primeiro, o detentor do poder o realiza seja por uma interiorização de valores do recebedor que o dá direito ao poder, ou o detentor o aceita uma vez que, previamente, aceitou uma indução do detentor do poder ou o valoriza muito, como uma obrigação de aceitar (ibid). Ou seja, o poder legítimo de



Bolsonaro, nesta situação, advém de sua eleição e da estrutura social no qual, ao ser eleito, o presidente adquiriu um poder legítimo, ainda mais dentre seus eleitores (SILVA, 2022). No segundo, o poder está atrelado a identificação, e ela pode ser estabelecida ou mantida a medida que o recebedor da influência se comporta, acredita ou percebe como o detentor age (ibid).

Alinhado a isto, psicólogos sociais destacaram que, dentro do quadro pandêmico, a população urge por uma liderança eficaz dentro de um ambiente de incerteza sobre o vírus e como respondê-lo (SILVA, 2022). E, apesar de descabidas, a diminuição da periculosidade do vírus aliado a uma ideia de resposta rápida e de prevenção, ganha apelo dentro deste ambiente, já aliado a uma prévia aceitação das ideias de Bolsonaro desde antes de sua eleição. Também, para a persuasão ser bem-sucedida ela deve contar com 3 pontos importantes: as características do recebedor, as características de quem está transmitindo e a estrutura e conteúdo da mensagem (SCHMID, BETSCH, 2019). No caso da conspiração contra a vacina, este movimento da persuasão torna-se claro ao olharmos para o “pânico moral” causado por Bolsonaro. Sendo um conservador de extrema direita, ele sabe que, para seu eleitorado, atacar valores morais ao polemizar temas como homossexualismo, AIDS e comunismo, por exemplo, atrelando-os à vacina, tem grande apelo persuasivo para adesão ao discurso.

Apesar de não ter respaldo dentro de grande parte da população, essa retórica negacionista ganha uma base de apoio, seja por questões pessoais, no qual a crença política, como mostrado, ganha a mesma importância que as evidências científicas, seja pelo medo eminente advindo de uma pandemia no qual sua vida é posta em risco. Junto a isso, há uma interferência ativa de Bolsonaro para que suas ideias ganhem uma legitimidade institucional, utilizando-se do poder executivo para este movimento, com será elucidado na próxima seção, ao manusear a máquina estatal dentro do seu objetivo.

Todo este cenário gera uma reação dentro da sociedade. O discurso impactou e impacta no comportamento de milhões de brasileiros, principalmente na escolha do uso de um medicamento comprovadamente ineficaz e na de não tomar a vacina ou não completar o calendário vacinal. A escolha pelo tratamento precoce como grande resposta frente a pandemia levou o governo a tomar ações que

interferissem diretamente nas políticas públicas, através da compra excessiva do medicamento e das propagandas. Na próxima seção, então, será trabalhado como se deu essa interferência. Olharemos para casos levantados pela CPI que exemplificam, na prática, como essa retórica negacionista de Bolsonaro e seu governo agiu deliberadamente na tentativa de inculcar o tratamento ineficaz à população.

## 4

### **Implicações práticas do Negacionismo do Governo Bolsonaro**

Nesta seção será discutido como a retórica do governo impactou, na prática, a resposta à pandemia no Brasil. Olharemos principalmente para as políticas públicas no que tange ao uso da cloroquina e ao intenso esforço do Governo Federal para institucionalizá-la. Dessa forma, a partir do que foi discutido na seção anterior, será feita uma análise sobre o impacto do negacionismo sobre a opinião pública e sobre as instituições públicas durante o período da pandemia, com especial ênfase ao uso da cloroquina.

Como visto anteriormente, Bolsonaro ativamente defendeu a cloroquina nos seus discursos, se utilizando de estratégias negacionistas para tal. Contudo, não somente de discursos se fez esta defesa. Foram mobilizadas ações práticas para que o negacionismo do governo se tornasse ainda mais contundente, influenciando seus adeptos sobre o tratamento precoce por meio das estratégias discutidas na seção um.

E, também, dentro do movimento no qual a ciência também se torna opinião política e de crenças pessoais, se aceitam evidências que confirmam suas concepções e, com isso, esse ceticismo disfuncional é condicionado mais sobre como gostariam que a realidade se desdobrasse do que sobre como ela realmente se apresenta (SCHMID, BETSCH, 2019). E, em face de um ambiente de incertezas causado por uma pandemia mundial, a ânsia por uma resposta rápida e de profilaxia nacionalmente produzida cria uma maior sensação de segurança, ainda mais alinhada a uma crença política já preconcebida em contraponto a incerteza científica do primeiro momento, seja sobre o comportamento do vírus seja sobre a produção e eficácia da vacina. Este contexto, então, cria um ambiente propício para que argumentos negacionistas frutifiquem, ganhando espaço dentro da população.

#### **4.1 A instrumentalização das redes sociais e do espaço digital**

Segundo Tai Nalon, diretora executiva da agência de checagem Aos Fatos, o problema “vai além do boato por WhatsApp: no Brasil, políticos usam de informações falsas que geram engajamento nas redes para sustentar projetos de leis e decretos, como se, ao conferir caráter oficial a mentira, ela se tornasse

automaticamente verdade” (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021, n.p.). A internet, com seu poder de propagação intensa dessas informações falsas, gera grande repercussão nos debates da opinião pública. Segundo o estudo publicado pela Revista Atoz, o Twitter vem sendo considerado uma importante plataforma de comunicação e participação cívica, possuindo um papel de “panfletagem” no qual um de seus atributos é espalhar ideias e obter apoio – independentemente da veracidade das mesmas (ARAUJO; OLIVEIRA, 2020). Dessa forma, foi notado que termos como “cientistas” e “coronavírus” possuem menor representação dentro do escopo de estudo, representando apenas 2% dos termos usados com mais frequência. Enquanto,

hashtags como #foradoria, #globolixo e #quemmandoumatarbolsonaro estão no topo, acima dos 6%. No conjunto, estes três primeiros e os próximos 11 (#cnnlixo, #foramaia #eduardosp, #jaiboldsonaro, #carlosbolsonaro, #desmoronou, #derretembl, #nisenasaude, #jaircadavezmaisforte, #teichliberacloroquina e #golpedeestadonao) entre 6% e 3,2%, nesta ordem, parecem funcionar como “Hashtags panfletárias”, servindo como bandeiras ou palavras de ordem. (ARAUJO; OLIVEIRA, 2020, p. 10-11)

Ou seja, assuntos mais ligados a opiniões políticas e polêmicas conspiratórias ganham mais notoriedade do que os debates científicos nas redes sociais. Dentro do espaço digital, Bolsonaro foi responsável por quatro de cada dez posts com mais interações sobre a cloroquina em português no Facebook (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021). Seus posts se tornaram o maior símbolo de desinformação sobre a pandemia, obtendo milhões de interações e compartilhamentos, ficando à frente do ex-presidente norte-americano Donald Trump no ranking de engajamento internacional (ibid). No seu governo, parlamentares alinhados obtiveram grandes interações ao publicar notícias falsas - entre março e dezembro de 2020, 104 de 299 informações imprecisas eram sobre medicamentos comprovadamente ineficazes (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021).

Percebemos que se trata de um movimento que já vinha sendo feito desde as eleições de 2018 por Bolsonaro, que é trazer o seu debate político para as redes sociais onde há certa liberdade e ampla possibilidade de criar um ambiente de polêmica e rápido compartilhamento. Durante as eleições, as redes sociais foram importantes para espalhar notícias falsas sobre os opositores; dentro do quadro pandêmico as redes foram novamente utilizadas, uma vez que a escolha pelo uso da

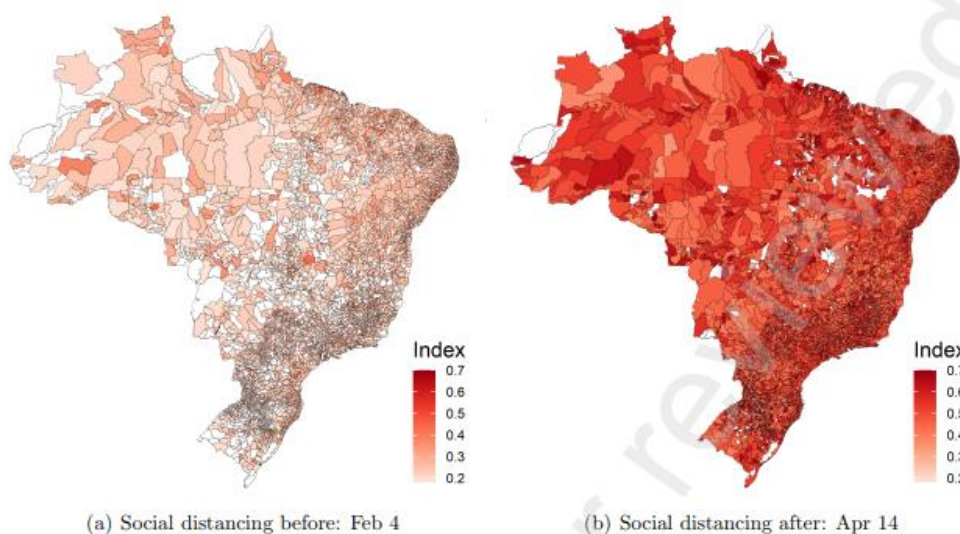
cloroquina, por exemplo, por se tratar de um medicamento ineficaz, não ganha espaço na mídia tradicional com o apelo desejado pelo presidente. A panfletagem nas redes sociais é necessária para espalhar o apoio, incentivo e uso do medicamento.

Uma pesquisa de opinião publicada pela Datafolha revelou que:

23% dos brasileiros disseram ter recorrido ao tratamento precoce durante a pandemia. Aqui a influência do presidente é evidente: de acordo com a pesquisa, entre aqueles que se declaram eleitores de Bolsonaro, o tratamento precoce foi usado por 37%, o dobro da taxa registrada entre aqueles que pretendem votar no ex-presidente Lula em 2022. (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021, n.p.)

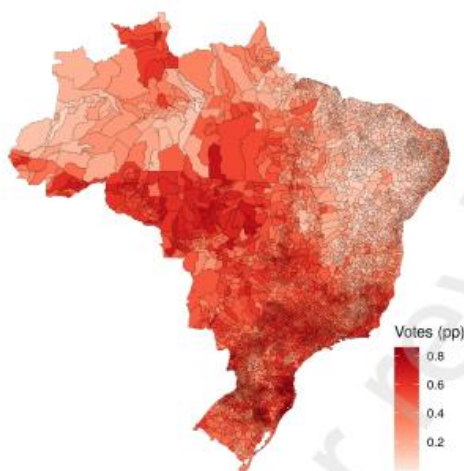
De acordo com um estudo sobre como a desinformação teve impacto na pandemia, realizado pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade de Cambridge em 2020, os discursos de Bolsonaro contrários a medidas de isolamento geraram maior mobilidade de seus seguidores, deixando-os mais expostos ao risco de infecção (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021). Depois de suas críticas às restrições de mobilidade amplamente reveladas nas plataformas digitais e na promoção de aglomerações públicas, a mobilidade aumentou nas cidades com mais votos ao presidente durante as eleições de 2018, de acordo com a geolocalização de seus celulares (ibid). De acordo com este estudo, constata-se um efeito direto entre o discurso negacionista do chefe do executivo sobre as decisões tomadas pelas pessoas (BRAMATTI; MONNERAT; BREMBATTI, 2021). Com o presidente propagando contra o isolamento social e às máscaras, as pessoas, particularmente seus eleitores, passaram a se aglomerar e sair sem máscaras, aumentando o risco de se contaminar e de morrer (CATANHÊDE, 2021).

**Figure A.4.** Social Distancing Index: Before and After



*Notes.* The figures show the social distancing index for all municipalities in Brazil on February 4, 2020 (the first Tuesday of our period of analysis) and April 14, 2020 (the last Tuesday of our period of analysis). The index ranges from zero to one. A higher value means that there is more social distancing. Municipalities in white are those without data on social distancing. The index is calculated by the technology company In Loco using location data from mobile devices. See Section III for more details on the data.

**Figure II.** Votes for Bolsonaro in the 2018 Presidential Election



*Notes.* The figure shows for each municipality the percentage of votes for Bolsonaro in the first round of the 2018 presidential elections in Brazil. See Section III for more details on the data.

Figura 1 – Mapa dos Votos a Bolsonaro nas eleições de 2018

[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3582908](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3582908)

## 4.2 Ministério da Saúde

No âmbito institucional, logo no início da pandemia, a cloroquina definiu a permanência dos Ministros da Saúde no cargo. O médico Luiz Henrique Mandetta foi demitido no dia 16 de abril de 2020 ao confrontar a diretriz do Governo em relação ao uso do medicamento e à necessidade de isolamento social (ROCHA, 2021). Seu sucessor, Nelson Teich, foi retirado do cargo após o mesmo embate, alertando sobre os efeitos colaterais do medicamento, opondo-se à vontade de Bolsonaro em ampliar o protocolo do uso da cloroquina para pacientes com sintomas iniciais (ibid). Teich foi substituído por Eduardo Pazuello, militar que, ao contrário de seus antecessores, prontamente obedeceu a ordem do presidente em expandir o protocolo (ROCHA, 2021). A progressão da liderança do Ministério da Saúde durante o começo da pandemia demonstrou claramente a ação que deveria ser tomada no que se referia a cloroquina. Indo de um médico a um militar, já demonstrava um objetivo obstatante da ciência, aproximando-se do fim preterido pelo governo acerca do medicamento. Assim, havendo necessidade de se descolar das evidências em prol de ampliar as políticas favoráveis a cloroquina, a liderança do ministério deveria seguir essas diretrizes para que os discursos e ações fossem feitas de acordo

Assim, uma das ações do governo foi o lançamento do aplicativo TratCOV para os profissionais de saúde. O aplicativo indicava medicamentos sugeridos para o tratamento da Covid-19, como hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina, azitromicina e doxiciclina para qualquer idade, incluindo bebês (ROCHA, 2021). Contudo, depois de uma repercussão negativa, o aplicativo foi retirado do ar e o Ministro Eduardo Pazuello tentou se esquivar ao ser contestado, argumentando que seria um “atendimento precoce” e não “tratamento precoce” (ibid).

Também foi aberto um inquérito no STF (Superior Tribunal Federal) contra o Ministro, suspeito de omissão durante a crise sanitária em Manaus na qual mais de 30 pessoas morreram devido à falta de oxigênio em hospitais em dois dias. Enquanto isso, o Ministro Pazuello continuava a sugerir o uso da cloroquina e enviou cerca de 120 mil comprimidos à cidade (ROCHA, 2021). Assim, o TCU (Tribunal de Contas da União) por considerar ilegal o uso de verbas do SUS (Sistema Único de Saúde) para o fornecimento dos medicamentos de cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina cobrando esclarecimentos de Pazuello quanto à atuação do Ministério da Saúde na capital amazonense (ibid).

Grande parte da cloroquina distribuída era fabricada pelas unidades industriais do Exército (LQFEx) que, desde maio de 2020, seguiu a ordem do Presidente para se engajar em tal produção (ROCHA, 2021). No final do mesmo ano, cerca de 3,2 milhões de comprimidos foram fabricados, custando em torno de R\$1,6 milhões do orçamento público. Dessa quantidade, mais de 400 mil comprimidos ficaram nos estoques, devido à falta de demanda dos estados. Ademais, a produção do laboratório ignorou os dados de demanda e planejamento do Departamento de Logística do Ministério da Saúde (ibid). O medicamento, antes produzido para o tratamento da malária e artrite, teve seu maior faturamento desde 2017 (ibid). De acordo com o TCU, tivemos um potencial prejuízo aos cofres públicos, "pois a produção pode exceder à necessidade do SUS e gerar acúmulo e vencimento de medicamentos" (ibid, n.p.).

Além do prejuízo, de acordo com a apuração da CNN, o preço pago pelo governo ao laboratório do Exército em insumos para fabricação da cloroquina registrou aumento de 167% em dois meses. A Sul Minas, empresa responsável pelo insumo, cobrou R\$1.304 pelo quilo do produto que antes custava R\$488 (ibid). A operação foi questionada internamente pelo departamento jurídico do laboratório e corre a investigação no TCU sobre suspeita de superfaturamento e sobre a conduta do Exército, que solicitou orçamento de apenas duas empresas, sendo que existiam várias no mercado (ibid).

Além do Exército, o governo se utilizou da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) para a fabricação de 4 milhões de unidades da cloroquina e 15,85 milhões de dose de Tamiflu, remédio indicado para o tratamento de gripe e síndrome respiratória aguda grave, com os recursos emergenciais que custou cerca de R\$70 milhões. Para comparação, o governo gastou cerca de R\$59 milhões para comprar 2 milhões de doses da vacina de Oxford (ROCHA, 2021). Além disso:

O dinheiro para a empreitada foi liberado pela medida provisória nº 940, assinada em 2 de abril de 2020 por Bolsonaro, que autorizou um crédito extraordinário para o Ministério da Saúde no valor de R\$ 9,44 bilhões, a fim de que a verba fosse usada no "Enfrentamento da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional Decorrente do Coronavírus". Em resposta, o Ministério afirmou à imprensa que o remédio não foi comprado para ser usado no combate à Covid-19, e sim contra a malária. (ROCHA, 2021, n.p.)

Na exposição dos motivos, ainda em junho, não houve detalhamento sobre o uso do dinheiro, o texto do presidente apenas apontava para produção de



medicamentos (SASSINE, 2021). Contudo, a própria pasta já havia dito em ofício enviado ao Ministério Público que os remédios eram destinados ao tratamento precoce da Covid-19 (ROCHA, 2021). Ainda, em nota, o Ministério da Saúde disse que a aquisição da cloroquina não foi concretizada e que a produção deveria ser explicada pela Fiocruz e que o medicamento Tamiflu não era covid e sim para Influenza (SASSINE, 2021). Porém, em outubro, a mesma área do Ministério de Saúde corroborou as informações de junho afirmando a distribuição de cloroquina e Tamiflu com os recursos da medida provisória para pacientes diagnosticados com covid 19 (ibid). Assim, apesar de desvios nas explicações, houve mobilização do dinheiro emergencial estatal para produção de medicamentos com bulas destinadas a outras doenças.

Além do gasto com a produção do medicamento ineficaz, houve também gasto com campanhas publicitárias para divulgar o tratamento precoce - pelo menos R\$23,4 milhões foram utilizados pelo governo Bolsonaro em emissoras de rádio, televisão e mídia externa (ROCHA, 2021). O governo solicitou que o maior contrato fosse com a TV Record, ligada à Igreja Universal e simpática ao presidente (ibid).

Em um intervalo de seis meses, desde o começo da pandemia, Bolsonaro exibiu 18 vezes a marca do medicamento para curar a Covid, virando seu grande “garoto propaganda” através de falas como “Dez comprimidos dão conta do recado” em uma transmissão ao vivo no dia 26 de março de 2020 (JUNQUEIRA; CARDOSO, 2021). Importante notar que há uma norma da própria Anvisa proibindo a divulgação de marcas de remédio de forma “não declaradamente publicitária” e veda a propagação de mensagens sem embasamento científico, justamente para evitar que pessoas famosas fizessem propagandas de medicamentos tarjados e assim impedir o consumo irracional (ibid). Apesar desta norma, a agência não abriu um processo para apurar as ações do presidente que divulgou o medicamento principalmente por meio de suas transmissões ao vivo semanais, mas também por meio do Facebook, Instagram e coletivas de imprensa (ibid).



Figura 2 - Bolsonaro faz propaganda de cloroquina no Twitter.

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,com-hidroxicloroquina-na-mao-bolsonaro-anuncia-teste-negativo-para-covid-19,70003375762>

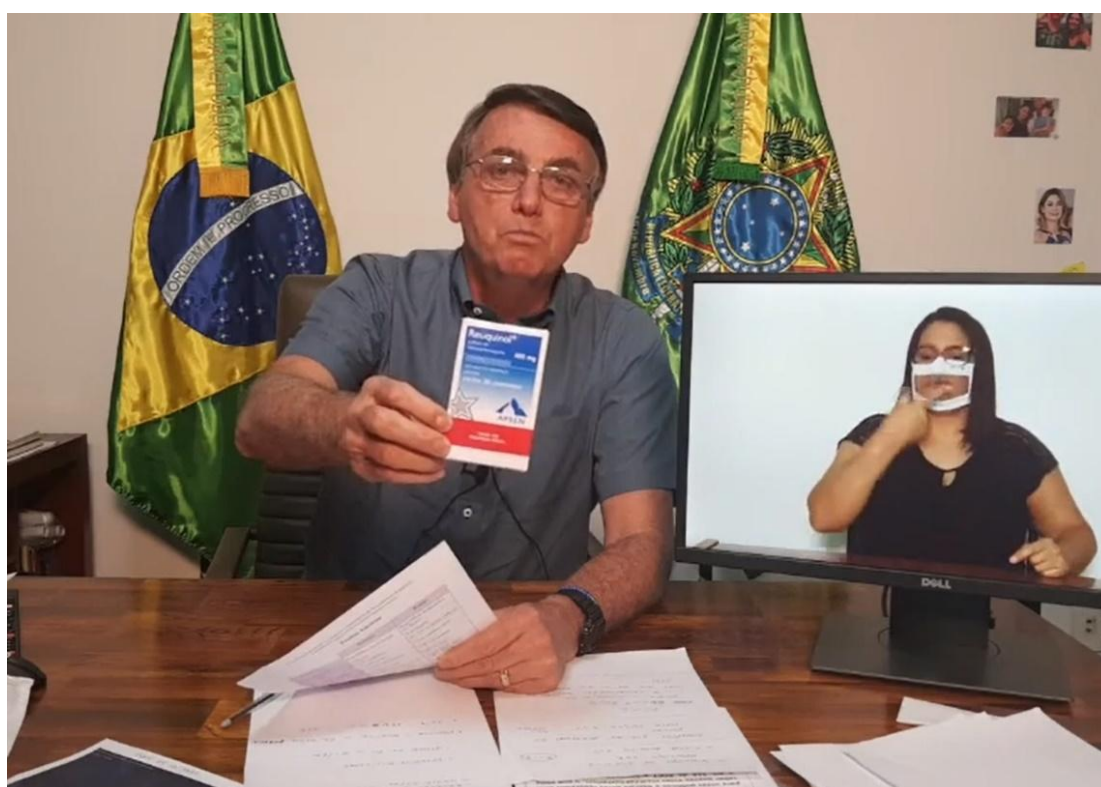


Figura 3 – Bolsonaro mostra a caixa da cloroquina em live no Facebook.

[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna\\_politica,1167701/bolsonaro-sobre-cloroquina-nao-tem-comprovacao-que-nao-tem-comprovac.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,1167701/bolsonaro-sobre-cloroquina-nao-tem-comprovacao-que-nao-tem-comprovac.shtml)



Figura 4 – Eduardo Bolsonaro compartilha notícia da RedeTV no Twitter

[https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1370479624166240258?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1370479624166240258%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.tvpop.com.br%2F5238%2Fredetv-usa-telejornais-para-espalhar-fake-news-sobre-covid-19%2F](https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1370479624166240258?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1370479624166240258%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.tvpop.com.br%2F5238%2Fredetv-usa-telejornais-para-espalhar-fake-news-sobre-covid-19%2F)

Dentro deste cenário, ressalta-se que apenas 4 laboratórios possuem autorização da ANVISA para produzir e vender cloroquina no país, o Requinol, medicamento composto por cloroquina, também propagandeado por Bolsonaro, possui como dono Renato Spallicci, um bolsonarista empedernido (GUSSEN, 2021). Com o apoio do Ministério da Saúde, a empresa de Spallicci, Aspen, conseguiu a liberação dos insumos da Índia, mesmo depois que o país asiático havia interrompido a exportação devido à alta demanda (ibid). Não obstante, outra empresa beneficiada foi o EMS, controlado por Carlos Sanchez, um dos maiores bilionários do país, que se encontrou com Bolsonaro ao menos duas vezes no começo da pandemia (ibid). O terceiro da lista é o laboratório Cristália, possuindo como fundador Castro Pacheco, aliado de Bolsonaro e filiado ao DEM que nega ter lucrado com o medicamento (ibid). Por fim, o Sanofi, que possui entre os acionistas

um dos maiores doadores do Partido Republicano nos EUA, é o único laboratório estrangeiro com autorização no Brasil e ganhou interesse particular do ex-presidente Trump (ibid).

Em junho de 2020, o Ministério das Relações Exteriores fechou uma parceria com Washington, recebendo cerca de duas milhões de doses com validade próximas ao vencimento (Ibid). O chanceler Ernesto Araújo comemorou o feito nas redes sociais “Cooperação Brasil-EUA no combate ao Covid-19 continua avançando. Colaboremos com os EUA na pesquisa clínica da hidroxicloroquina e no desenvolvimento de uma vacina” (ibid, n.p.). Também foi reportada uma maciça campanha do tratamento precoce para o Amazonas logo antes da segunda onda e o envio dos medicamentos em janeiro de 2021 (ROCHA, 2021). Não obstante, o ex-ministro Pazuello afirmou que Bolsonaro estava presente em uma reunião para discutir uma intervenção na cidade e negou a providência de uma ajuda emergencial (ESTADO DE MINAS, 2021).

Além da interferência e do uso exorbitante de dinheiro público, a CPI também trouxe a conhecimento, por meio do ex-ministro Mandetta, que o governo Bolsonaro tinha a intenção de modificar a bula da cloroquina (MATTOS; RESENDE; BORGES; 2021). Para a Comissão, Mandetta afirmou que uma minuta de decreto presidencial tinha o intuito de propor à Anvisa uma alteração da bula do medicamento, para que ele fosse indicado ao tratamento da Covid-19 (ibid). Segundo o mesmo, o Presidente da agência sanitária, Antonio Barra Torres, negou o pedido e tal decreto foi proposto em uma reunião, em março de 2020, no Palácio do Planalto (PINCER, 2021). Segundo o presidente da ANVISA, apenas a agência sanitária reguladora do país pode modificar a bula de um medicamento desde que solicitada pelo detentor do registro (ibid). Após, foi confirmado, por meio de investigações ao gabinete paralelo, de que o tenente-médico Luciano Dias Azevedo foi autor da minuta dodecreto, afirmando que o tema era prioridade no Planalto, pois o presidente “precisava reforçar o discurso dele em favor do tratamento precoce” (NUNES, FERNANDES, 2021, n.p.).

Contudo, o presidente da agência manteve o posicionamento de que não haveria estudos criteriosos que comprovassem a eficácia do medicamento (BBC, 2021). E, apesar de já ter sido visto em ato apoiando o governo, ao longo do

depoimento à CPI, ele reafirmou que a ANVISA é um órgão técnico e que não sofre pressão política, mesmo dos diretores politicamente nomeados (ibid). Barra Torres ainda criticou falas do governo e do presidente sobre a agência sanitária, declarando que “misturar política e vacina não é adequado” (ibid, n.p.) e que a população deveria se orientar por meio de órgãos técnicos e não dessa maneira, se referindo ao presidente da República.

Após essa tentativa, o presidente ainda sancionou a lei 14.313/2022 que torna possível ao SUS receitar medicamentos para uso diferente do que indicado pela ANVISA caso haja recomendação da CONITEC (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde) (VECINA, 2022). Vale ressaltar que “A Anvisa discute segurança, eficácia e qualidade. A Conitec decide do ponto de vista da incorporação ou não da tecnologia e realiza análises de custo/benefício submetida à vontade do ministro da saúde” (ibid, n.p.). Os críticos a medida debatem que esse movimento transfere uma competência da ANVISA para uma comissão no qual o governo possui maioria, e, apesar de possuir certos méritos, essa lei dá margem para toda interpretação e interesses políticos (PODER 360, 2021).

Nota-se então que o Governo Bolsonaro não apenas adotou o negacionismo como estratégia principal na luta contra o vírus na pandemia como discurso e posicionamento, como, incisivamente, utilizou do poder da máquina do governo para fazer com que essa estratégia fosse ainda mais contundente e institucionalizada. As políticas públicas ficaram reféns de um governo cuja retórica principal se baseou em um medicamento sem eficácia, como foi visto na pressão sobre a Anvisa e ações do Ministério da Saúde, impactando decisivamente no comportamento da população e no funcionamento da máquina pública, principalmente com os gastos exorbitantes de dinheiro público e uso do laboratório do exército para produção de cloroquina. Assim, temos, no caso da cloroquina, como uma estratégia negacionista foi utilizada pelo detentor do poder, e, com isso, não apenas se fez de discursos como também utilizou do poder do estado, como instituições e políticas públicas, para tornar sua estratégia institucionalizada.

## 5

### Conclusão

O presente trabalho se propôs a ensaiar uma discussão sobre o momento vivido pela população brasileira durante a pandemia no que tange a postura e práticas negacionistas do presidente. Dentro deste cenário pensar como o negacionismo é um movimento estruturado e articulado com um determinado fim, se utilizando de estratégias para ganhar adesão dentro da população.

Dentro deste escopo então, o trabalho se desenvolveu dentro do entendimento de 5 estratégias – conspiração, falsos especialistas, seletividade, expectativas impossíveis e falácias lógicas – para tentar entender como o negacionismo, principalmente no que tange a cloroquina, se articulou no governo neste contexto.

Segundo a CPI, a presença do Estado era fundamental para combater o vírus com detecção rápida, isolamento, testagem, e o Brasil possuía experiência para tal, além de planejamento para como sistema de saúde deveria responder e compras de insumos necessários (ROSSI, 2021). Porém, a realidade se traduziu na ausência de políticas públicas e sociais de combate eficiente, falta de critérios homogêneos e definidos de forma integral no país, escassez de recursos, falta de um plano para aquisição de vacinas e desestímulo a laboratórios na produção do imunizante (ibid). Além da compra e propaganda em massa de um remédio comprovadamente ineficaz.

Assim, vemos como esta argumentação se deu quando quem a prática é o próprio governo na tentativa maciça de institucionalização de um remédio sem comprovação. Dentro deste contexto, tem-se a criação de conspiração para o com a vacina; não obstante, a argumentação constante de necessidade de 100% de eficácia deste método, mas não para a cloroquina; os falsos especialistas na indicação do medicamento; a seletividade na escolha de quais casos usar como exemplo para ambas as soluções; e a falácia lógica na correlação entre o medicamento e a cura. Todo este movimento como intuito de propagar e argumentar o uso do medicamento já que ele não possui comprovação, havendo necessidade do uso destas estratégias como forma de justificação.

Alinhado também a constantes investidas do governo no aparato público para a compra e produção da cloroquina, além de sua propaganda, tentativa de alteração da bula do remédio e sua distribuição. Todo este movimento constante em torno do medicamento e contra a vacina, possuíram impactos práticos e perigosos para a população. Por exemplo, em municípios em que ele obteve mais 70% dos votos no segundo turno, possuíam risco de morte de mais de 600% se comparado a cidades no qual ele recebeu menos de 30% (CANTANHÊDE, 2021).

Em conclusão, nota-se então que o governo Bolsonaro utilizou ativamente do negacionismo para garantir seu objetivo durante a pandemia, seja em discursos ou com práticas, influenciou a população e máquina estatal afim de consolidar seu posicionamento frente ao vírus.

## Referências

ALVIM, Mariana. O grupo de '10 mil' médicos pró-cloroquina que se aproximou de Bolsonaro com 'evento histórico'. **Bbc**. N.I.. 03 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53994532>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. **Resistência à Ciência**: crise de confiança suscita debate mundial sobre como enfrentar ataques ao conhecimento científico. Pesquisa Fapesp. N.I., p. 1-1. out. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/resistencia-a-ciencia/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ARAUJO, Ronaldo Ferreira; OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: da pressão política à disputa científica. **Atoz**: novas práticas em informação e conhecimento, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 196, 8 dez. 2020. Universidade Federal do Parana.

ASANO, Camila Lissa *et al* (ed.). **Direitos na Pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no brasil. 10. ed. São Paulo: Conectas Direitos Humanos e Cepedisa, 2021. 42 p.

BC (ed.). CPI da Covid: cloroquina não funciona contra doença, mas governo tinha plano para mudar bula, diz presidente da anvisa. **Bbc**. N.I.. 11 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57078577>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRAMATTI, Danieal; MONNERAT, Alessandra; BREMBATTI, Katia. Distorção Precoce: o papel de bolsonaro e seus aliados na difusão de desinformação sobre a pandemia. **Estadão**, [s. l], 06 jun. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/distorcao-precoce-o-papel-de-bolsonaro-e-seus-aliados-na-difusao-de-desinformacao-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CABRAL, João Francisco Pereira. "A Filosofia da Ciência em Thomas Kuhn"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-filosofia-ciencia-thomas-kuhn.htm>. Acesso em 15 de julho de 2022.

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond?. **The European Journal Of Public Health**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 2-4, 16 out. 2008. Disponível em: <https://academic.oup.com/eurpub/article/19/1/2/463780>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Negação da Política e Negacionismo como Política**: pandemia e democracia. Educação & Realidade, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 1-1, nov. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109146>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3172/317268586011/html/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERNANDES, Augusto. Bolsonaro e Queiroga desdenham da eficácia da vacina CoronaVac. **Correio Braziliense**. N.I.. 16 set. 2021. Disponível em:



<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/09/4949942-bolsonaro-e-queiroga-desdenham-da-eficacia-da-coronavac.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GONÇALVES, Eduardo. O Ministério da Cloroquina: quem são os integrantes do "gabinete paralelo". **Veja**. N.I.. 21 maio 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-ministerio-da-cloroquina-quem-sao-os-integrantes-do-gabinete-paralelo/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GRAGNANI, Juliana. Por que dizer 'tomei cloroquina e por isso me curei', como faz Bolsonaro, é uma 'falácia' e não prova nada. **BBC**. N.I.. 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53896553>. Acesso em: 15 jul. 2022

GRAGNANI, Juliana. Por que dizer 'tomei cloroquina e por isso me curei', como faz Bolsonaro, é uma 'falácia' e não prova nada. **Bbc**. N.I.. 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53896553>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GUSSEN, Ana Flávia. O que há por trás do lobby de Bolsonaro pelo uso da cloroquina. **Carta Capital**. N.I.. 01 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-ha-por-tras-do-lobby-de-bolsonaro-pelo-uso-da-cloroquina/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

HUR, Demênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mônica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Psicologia Política**, [s. l], v. 21, n. 51, p. 550-569, set. 2020.

JUNQUEIRA, Diego; CARDOSO, Joyce. Charlatanismo e propaganda irregular: as violações de Bolsonaro ao exibir 18 vezes marca de cloroquina para covid. **Repórter Brasil**. N.I.. 04 ago. 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/08/charlatanismo-e-propaganda-irregular-as-violacoes-de-bolsonaro-ao-exibir-18-vezes-marca-de-cloroquina-para-covid/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

KALIL, Isabela; SILVEIRA, Sofia Cherto; PINHEIRO, Weslei; KALIL, Álex; PEREIRA, João Vicente; AZARIAS, Wiverson; AMPARO, Ana Beatriz. Politics of fear in Brazil: far-right conspiracy theories on covid-19. **Global Discourse**, [S.L.], v. 11, n. 3, p. 409-425, maio 2021. Bristol University Press.

MANDELLI, Mariana. O revisionismo histórico e a desinformação. **Educamídia**. N.I.. 10 set. 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/o-revisionismo-historico-e-a-desinformacao/>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MATTOS, Marcela; RESENDE, Sara; BORGES, Beatriz.. CPI: Mandetta diz que minuta de decreto presidencial propunha mudar bula da cloroquina. **G1**. N.I.. 04 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/04/mandetta-diz-que-bolsonaro-queria-que-anvisa-alterasse-bula-da-cloroquina.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. **Negacionismos e Revisionismos Ideológicos: O conhecimento histórico em xeque**. Direção de Marcos Napolitano. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. (128 min.). Aula inaugural. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1930-aula-inaugural->

aborda-negacionismo-e-revisionismo-ideologico.html#.YNtIE\_lKg2w. Acesso em: 26 nov. 2021.

NEIVA, Lucas. Bolsonaro desmente a si mesmo sobre eficácia de vacinas. **Uol**. N.I.. 07 dez. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/saude/bolsonaro-desmente-ele-mesmo-sobre-eficacia-de-vacinas/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NUNES, Vicente; FERNANDES, Augusto. Covid-19: tenente da Marinha preparou mudança na bula da cloroquina. **Correio Braziliense**. N.I.. 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/05/4926460-covid-19-tenente-da-marinha-preparou-mudanca-na-bula-da-cloroquina.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M. **Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming**. New York, Berlin and London: Bloombury Press, 2010.

PAZUELLO: Bolsonaro negou pedido de intervenção na crise do oxigênio no AM. **Estado de Minas**. N.I.. 20 maio 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna\\_politica,1268627/pazuello-bolsonaro-negou-pedido-de-intervencao-na-crise-do-oxigenio-no-am.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna_politica,1268627/pazuello-bolsonaro-negou-pedido-de-intervencao-na-crise-do-oxigenio-no-am.shtml). Acesso em: 15 jul. 2021.

PINCER, Pedro. **Presidente da Anvisa confirma que houve sugestão de alteração da bula da cloroquina**. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/05/presidente-da-anvisa-confirma-que-houve-sugestao-de-alteracao-da-bula-da-cloroquina>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PODER 360 (ed.). Câmara avança para liberar remédios com uso diferente do indicado pela Anvisa. **Poder 360**. N.I.. 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/camara-avanca-para-liberar-remedios-com-uso-diferente-do-indicado-pela-anvisa/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

POGGI, Tatiana. **Negacionismo e revisionismo histórico servem ao projeto conservador e extrapolam muros da Universidade**. Aduff. Niterói. 02 abr. 2020. Disponível em: <http://aduff.org.br/site/index.php/notocias/noticias-recentes/item/4031-negacionismo-e-revisionismo-historico-servem-ao-projeto-conservador-e-extrapolam-muros-da-universidade>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ROCHA, Camilo. O gasto público do governo com cloroquina em 4 atos. **Nexo**. N.I.. 12 fev. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/02/12/O-gasto-p%C3%BAblico-do-governo-com-cloroquina-em-4-atos>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ROLLEMBERG, D.; CORDEIRO, J. M. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, v. 9, n. 17, jan./jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v9i17.36429>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/download/36429/30706/111917>. Acesso em: 04 dec. 2022.

ROQUE, Tatiana. **Negacionismo no poder: crise de confiança e colapso ambiental no brasil**. Heinrich Böll Stiftung. Rio de Janeiro, p. 1-1. 01 mar. 2021. Disponível

em: <https://br.boell.org/pt-br/2021/03/01/negacionismo-no-poder-crise-de-confianca-e-colapso-ambiental-no-brasil>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, Davi Elias Rangel. **As "fronteiras invisíveis" da história do tempo presente**: revisionismo, narrativa histórica e negacionismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO, 31., 2021, Rio de Janeiro. Simpósio. Rio de Janeiro: Anpuh-Brasil, 2021. p. 1-16. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627378877\\_ARQUIVO\\_2a5ac7854fe0f3e14ac072a0513a695c.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627378877_ARQUIVO_2a5ac7854fe0f3e14ac072a0513a695c.pdf). Acesso em: 15 jul. 2022.

SASSINE, Vinicius. Documentos mostram que Saúde usou Fiocruz para produzir 4 milhões de comprimidos de cloroquina. **Folha**. N.I.. 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/documentos-mostram-que-saude-usou-fiocruz-para-produzir-4-milhoes-de-comprimidos-de-cloroquina.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SCHMID, Philipp; BETSCH, Cornelia. Effective strategies for rebutting science denialism in public discussions. **Nature Human Behaviour**, [S.L.], v. 3, n. 9, p. 931-939, 24 jun. 2019. Springer Science and Business Media LLC

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismo de Defesa do Ego**. Psicologia.PT. N.I.. 15 jul. 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SILVA, Paulo Sérgio Raposo da. A pandemia da COVID-19 e os conflitos entre ciência e opinião: desafios para o conhecimento formal. **Simbiótica**, [S.L.], n. 81, p. 133-151, 5 maio 2021. Universidade Federal do Espírito Santo.

SILVA, Vitória Laís Santos. Poder e Influência: o impacto do discurso presidencial em meio à pandemia causada pelo novo corona vírus. **Linguagem**, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 78-92, mar. 2022.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro mais uma vez questiona eficácia da vacina e critica passaporte. **Estado de Minas**. N.I.. 18 out. 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/18/interna\\_politica,1314768/bolsonaro-mais-uma-vez-questiona-eficacia-da-vacina-e-critica-passaporte.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/18/interna_politica,1314768/bolsonaro-mais-uma-vez-questiona-eficacia-da-vacina-e-critica-passaporte.shtml). Acesso em: 15 jul. 2022.

VECINA, Gonzalo. Anvisa x Conitec? **Conexão**. N.I.. 29 mar. 2022. Disponível em: <https://conexao.segurosunimed.com.br/anvisa-x-conitec/>. Acesso em: 19 jul. 2022.